



Evento	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre
Título	Avaliação integrada da competitividade dos BRICS no comércio internacional: uma análise utilizando Equilíbrio Geral Computável
Autor	GABRIELA ROBERTA REITER
Orientador	FLAVIO TOSI FEIJO

O objetivo da pesquisa será compreender como os sistemas tributários de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul contribuem (ou não) para o crescimento econômico pautado nas exportações. As diferenças estruturais entre as economias de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul influenciam de forma direta os desempenhos destas nações no comércio internacional. Além disso, as barreiras tarifárias e não tarifárias que os Estados estabelecem e as instituições influem na competitividade das empresas no mercado externo. Para alcançar tal objetivo, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os sistemas tributários e como estes afetam a competitividade dos países em análise, sendo que na próxima fase pretende-se utilizar um modelo de equilíbrio geral computável (EGC), denominado GTAP (*Global Trade Analysis Project*), que permite simular, para setores específicos em países distintos, a aplicação ou isenção de tributos, o que pode sinalizar quais os melhores caminhos a serem seguidos para uma inserção mais consistente das empresas brasileiras no comércio internacional. Também no contexto deste estudo, as simulações irão permitir que se verifique *ex-ante* os resultados em termos de crescimento das exportações industriais decorrentes das políticas econômicas voltadas para alavancá-las. Um possível acordo de livre comércio entre os BRICS teria um impacto positivo nos termos de troca, causado pela intensificação do comércio intrabloco (à exceção da Índia), mas contribuiria para a perda de competitividade relativa das exportações dos BRICS para o resto do mundo. A remoção das barreiras tarifárias entre os BRICS pode proporcionar um aumento significativo do comércio bilateral entre estas economias. Contudo, este aumento é, em grande parte, consequência direta da excelente performance das exportações chinesas para os demais BRICS. É também consequência do aumento expressivo das importações indianas, devido às altas barreiras tarifárias preexistentes e a dimensão da sua própria economia. Para o Brasil, os melhores impactos estariam concentrados nos setores agrícola e do agronegócio. (Relatório do IPEA, 2012). O Global Competitiveness Reports, elaborado World Economic Forum, tem estudado e auferido muitos fatores que apoiam a competitividade nacional. Desde 2005, o World Economic Forum tem baseado sua análise de competitividade no Global Competitiveness Index (GCI), uma ferramenta abrangente que mede os fundamentos micro e macroeconômicos da competitividade nacional. A competitividade foi definida como o conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam o nível de produtividade de um país, que por sua vez, define o nível de prosperidade que pode ser alcançado por uma economia. No que diz respeito ao relatório de 2013-2014, a China ocupa a 29ª posição e lidera as economias BRICS por uma larga margem, bem à frente da África do Sul (53º), Brasil (56º), Índia (60º), Rússia (64º); seus pontos fracos são a corrupção, setor bancário frágil, baixa tecnologia, barreiras à entrada e ao investimento no mercado de bens. A África do sul está no 53º lugar do ranking e seus pontos fracos estão no desempenho macroeconômico ruim, gastos do governo mal alocados, confiança no políticos e segurança. O Brasil entra no 56º lugar e seus pontos fracos estão no funcionamento das instituições, corrupção, baixa confiança nos políticos, pouca infraestrutura e economia fechada à concorrência externa. A Índia está no 60º lugar e seus pontos fracos são a baixa tecnologia, níveis baixos de saúde e educação pública, baixa confiança nos políticos, desempenho macroeconômico ruim, baixa participação das mulheres na força de trabalho. A Rússia está na 64ª posição e seus pontos fracos estão nas más instituições públicas, falta de capacidade de inovação, ineficiência dos mercados e altas restrições ao comércio (WEF, 2013).